

Tricks and Pranks – Playing Cards with Zuca Sardan’s Ás de Colete

Débora Racy Soares – UNICAMP/FAPESP

Zuca Sardan é o pseudônimo atual do escritor e desenhista brasileiro Carlos Felipe Alves Saldanha (nascido, “mais ou menos”, em 1933). Digo atual, pois desde meados da década de cinquenta – do século XX – quando começaram a pipocar seus primeiros “gibis”, “sfolhetos” e “cartolinas”, proveu-se de distintos codinomes, tais como Zuca Saldanha, Capitão Fantasma, Kid Camarão e mestre Zuca Sacy, em consonância com “sua busca incessante de aventuras”. (Alvim, 1984: 115). Aliás, essa contínua “busca” marca seu percurso literário, evidenciando o exercício de recriação – e, também, de recreação – que são partes constitutivas de seu processo criativo. Logo, a (re)invenção de identidades poéticas torna-se jogo lúdico e ganha força, dentro do conjunto de sua obra, como um de seus passatempos mais diletos. De certa forma, tal multiplicação ou estratégia literária, tem dois propósitos distintos: servir a dois senhores com vontades opostas, porém complementares e não-excludentes. Se a vontade de um salta à vista – é lado de fora – o desejo do outro pode ser apreendido do que parece evidente, pois é lado de dentro. Se o lado de fora corresponde à multiplicidade fecunda, convertida no suceder de pseudônimos, o de dentro equivale à dissolução ou, antes, à desestabilização da autoria. Dentro e fora, portanto, convergem para um mesmo ponto: a problematização da “identidade identificável”, fixa e imutável. É quase como se a mão que escreve, à medida que o faz, acionasse uma espécie de borrador, capaz de assegurar a despersonalização. *Pari passu*, a este mesmo impulso que repele a fidelidade à autoria, adere-se um outro que se faz ouvir na rejeição da língua única e, em consequência, da instauração de uma Babel poética, assaz particular. Assim, a (con) fusão de vozes, línguas e ideias está instaurada na poesia, revelando “engenhosas formulações” estéticas, através da composição de uma “rede de paradoxos”. (Villaça, 1994, p.V).

O mais sensível dos paradoxos reflete na própria composição deste *Ás de Colete*, livro de poemas de 1979, cuja segunda edição foi lançada pela Coleção Matéria de Poesia, da Editora da UNICAMP. Diga-se de passagem que a primeira edição foi produzida de forma artesanal e independente, sob a chancela da fictícia “Gráfica Gralha”. *Ás de Colete* é apresentado como caderno manuscrito, ilustrado pelo próprio autor e também por Guy, com poemas cujos títulos curiosos sugerem que estamos diante de um espetáculo, verdadeiro teatro de variedades ou “circo cósmico”. (p.115). A diversão parece garantida logo que o soar do gongo se faz ouvir, nas primeiras páginas. Neste desfile de personagens comparecem soberanos, odaliscas, mágicos, elefantes, sheiks, sultões, piratas e outros lunáticos que compõem o variado painel poético, com seus cantos, danças, “despilfarros” verbais e muito humor, aparentemente gratuito.

Os poemas manuscritos figuram enquadrados em uma espécie de pergaminho, cujas bordas aparecem carcomidas por traças. É como se estes textos fossem muito antigos e tivessem ficado guardados, por muito tempo, em um baú de quinquilharias. Daí o explicável estado de deterioração em que se encontram. A reboque, tal artimanha sugere que os poemas em si teriam pouco valor estético ou utilidade nula, induzindo à reflexão e problematizando noções estanques e redutoras de arte e de poesia. Como sugere o autor, através do título de um de seus poemas (“Despilfarro Cósmico”), a ideia da poesia ou da arte como desperdício de energia e perda de tempo funciona como provocação ao longo de todo o livro.

É curioso pensar que a forma manuscrita confirma e reafirma a presença do escritor, através de traços notadamente autorais, talvez em franca contradição com a explosão de pseudônimos e com a confusão linguística, avolumados neste *Ás de Colete*. A predileção por certos arcaísmos e preciosismos também chamam atenção, corroborando a ideia de que o autor estaria desatualizado em relação à língua e à moda corrente (da época em que o livro foi escrito): a máquina de escrever. A resposta do poeta à pergunta da diligente funcionária, Dona Erotilde, no início do livro, pode funcionar como pista interpretativa do que virá adiante: - “Seu Zuca, o senhor não quer qu’eu bata à máquina?”, - “Ora, ora... não precisa não, muito obrigado”.

Desde seu primeiro livro *Cadeira de Bronze* (1957), a maior parte de sua obra – *Operetta Inachevée* (1958), *Bebhé-Gomão Anuncia* (1967), *Poemas Zum* (1969), *Aqueles Papéis* (1975), *Ás de Colete* (1979), *Os Mistérios* (1980), *Visões do Bardo* (1980) – foi publicada à margem das editoras. Em 1981 sai seu *Almanach Sportivo* pela Coleção Capricho, ao lado de outros sete volumes de poetas ligados, na década anterior, à produção independente. Sobre sua participação na chamada “geração marginal do mimeógrafo” pontua: “minha poesia nos anos 70 era já marginal desde os 50, encaixando-se então no contexto como (...) luva de pelica”. (Saldanha, 1997: s/p).

Nessa época, teve alguns poemas e desenhos publicados na célebre antologia *26 Poetas Hoje*, organizada por Heloisa Buarque de Hollanda. E reconhece: “a antologia dos 26 caiu do céu. Merci HB.” (Saldanha, s/d: 1-3). Participou, ainda, do Almanaque Biotônico Vitalidade, publicação coletiva do grupo Nuvem Cigana, e também da Coleção Vida de Artista – com a edição de *Aqueles Papéis* (1975) – liderada por Cacaso. Aliás, ele foi precursor ao valorizar, no calor da hora, a qualidade “extraordinária” de Saldanha, “um dos casos mais originais (...) dentro da poesia brasileira”. (Brito, 1997: 29). Francisco Alvim, outrossim, se encantou com seus escritos que praticam “um irônico exercício sobre a inanidade do esforço especulativo do homem”. (Alvim, 1984: 115).

No entanto, o interesse das editoras por suas obras só teria sido despertado tardiamente, na década de noventa, quando Saldanha já tinha publicado grande parte de seus livros. Em 1993, a Editora da UNICAMP torna-se pioneira ao imprimir o inédito *Osso do Coração* e, em seguida, a 2ª. edição de *Ás de Colete* (1994). Em 1997 é lançado o primeiro número da revista carioca *Inimigo Rumor*, na qual Sardan figura como colaborador esporádico. Em 2004, a Companhia das Letras publica seu romance *Babylon*.

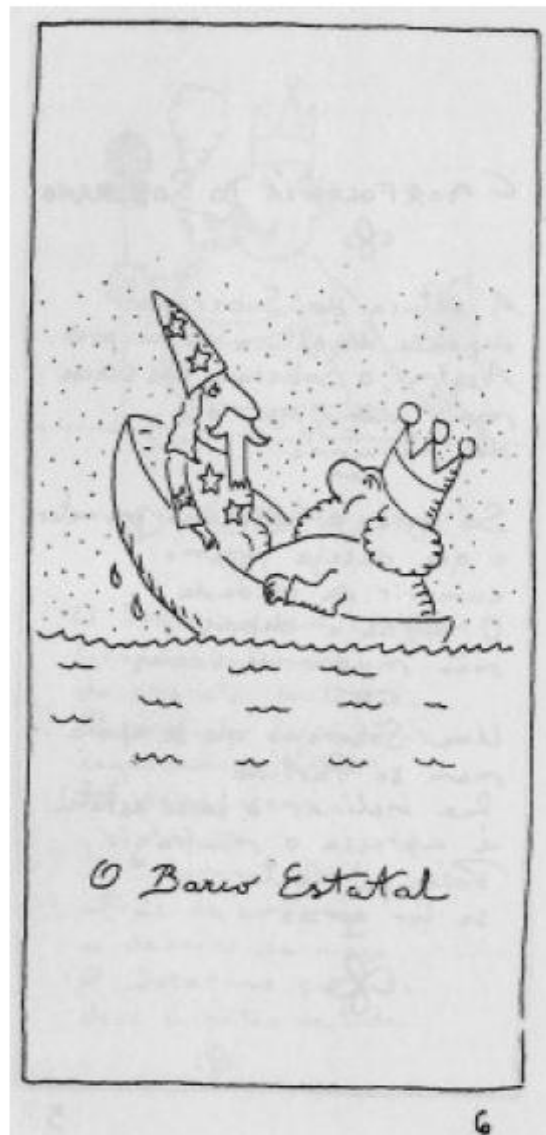
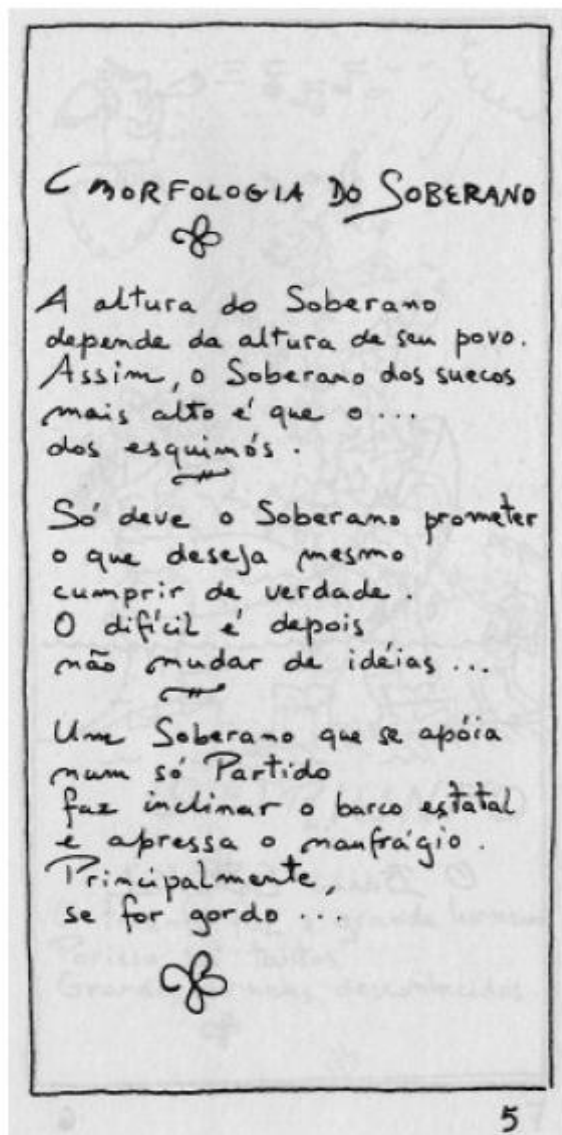
Diante de qualquer oportunidade, Zuca Sardan, enfatiza, com o ar brincalhão que lhe é próprio, que “perdeu grande parte” de suas obras “numa mala de crocodilo que fugiu e mergulhou na Lagoa”. (Apud Hollanda, 1998: 266). Em suas entrevistas, este tema sempre é retomado, das mais variadas formas. “Minha maior glória literária”,

reafirma, foi quando, “um dia, a cozinheira de um casal amigo fugiu carregando meu manuscrito”. (Apud Brito, 1997: 29).

Em certa medida, estes chistes têm lá suas verdades e, por isso, surtem efeito. Não se trata, evidentemente, de perda real das obras. Antes disso: o escritor reconhece que, talvez, tenha sido pouco lido e estudado em virtude da restrita divulgação de seus “gibis” e “sfolhetos”, produzidos de forma artesanal, em número limitado de exemplares. E explica: “não tinha outra alternativa pra espalhar minha arte. Comecei por volta de 1953, com um mimeógrafo a álcool que tirava cópias roxas. Décadas depois surgiu o Xerox, que foi pra mim uma abenzzuada panacéia”. (Saldanha, s/d: 1-3). O fato é que, do “mimeógrafo ao Xerox, da gráfica Tupy à sua própria gráfica Gralha, as prensas não para(ram)”. (Saldanha, s/d: 1-3). É revelador pensar que o próprio título de sua gráfica já diz muito sobre sua produção criativa. Nas artes gráficas, gralha significa erro tipográfico e também mistura de tipos dentro do caixotim (caixa tipográfica). Por sinonímia, gralha se aproxima do gato (erro, lapso, engano, troca de palavra por outra) e do pastel (erro tipográfico oriundo do empastelamento das letras ou matrizes). Por extensão, portanto, gralha remete ao pastelão, ou seja, àquela forma popular de representação caracterizada pelos traços de bufonaria na construção dos personagens, nas cenas por eles protagonizadas e/ou no próprio texto.

A esta altura é oportuno refletir sobre “Morfologia do Soberano”, um dos poemas mais sintomáticos de *Ás de Colete*, atentando não só para os efeitos do humor em sua composição, mas sobretudo para a crítica explícita ao poder absoluto e suas arbitrariedades. Vale lembrar que este livro foi publicado em 1979, o que sugere a crítica velada não só à ditadura que nos afligia naquele momento, como também, de maneira mais genérica, a qualquer forma de despotismo, tirania e opressão. O humor, no qual se ancora o poema, surte efeito quando problematiza verdades pré-estabelecidas pelo senso comum, chacoalhando visões estereotipadas e as transcendendo. Em outros termos: ao questionar o caráter enganador da ordem estável, criando atritos entre formas de percepção socialmente dadas, o humor não só provoca um efeito semântico desestabilizador, como também amplia os horizontes compreensivos. Neste poema, especificamente, o efeito do humor promove o rebaixamento do soberano, invertendo hierarquias, em um modo de proceder muito aparentando

àquele típico das antigas festas saturnais que originaram o carnaval, como ensina Bakhtin, em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*.



No curto poema “Morfologia do Soberano”, composto por apenas três estrofes, o humor advém da introdução de determinadas ideias que, no decorrer da fatura, vão sendo problematizadas e desmontadas. É como se o poema estivesse ancorado em uma estrutura dialética, cuja síntese (im)possível encontra saída no humor. Vejam o sentido ambíguo da palavra altura, logo no primeiro verso, a provocar os significados. Aqui, contrariando as expectativas sugeridas pelo título do poema, a altura refere-se menos ao valor

moral e intelectual do monarca e, muito mais, ao seu tamanho ou estatura. Ao condicionar a importância política do soberano à dimensão de um corpo considerado verticalmente, isto é, ao submetê-la à escala métrica, apenas, o humor corrosivo de Sardan cria um perfil caricato do soberano, fazendo desmoronar qualquer conversa séria sobre o assunto. Portanto, a graça do poema provém da leitura literal da palavra “altura”, despida de qualquer sentido metafórico, digamos, mais nobre. Na segunda estrofe, o humor corrói qualquer ética possível, em favor de interesses pessoais. Assim, a relativização dos valores, a confusão entre o âmbito público e o privado, pressuposta na possibilidade de mudar de ideias a bel-prazer, isto é, conforme o capricho pessoal do soberano (e de seu próprio arbítrio), interfere no cumprimento legal. Logo, um soberano tão volúvel torna-se motivo de riso, pois apresenta características que contrariam, de maneira radical, sua autoridade. Na terceira estrofe, os sentidos ambíguos das palavras “barco estatal” e “naufrágio” são validados pela ilustração. Novamente, o sentido literal sobrepõe-se ao metafórico, estimulando o riso e induzindo à reflexão. O rebaixamento do soberano, através da dessacralização de sua imagem, conduz, a reboque, ao questionamento dos preceitos morais e do funcionamento das instituições. No auge de sua lucidez e perspicácia, Zuca Sardan ensina a “rir da intimidade lírica, dos ideais humanistas e das utopias políticas”, revolvendo temas como o “Poder, a Moral, a Ética e a Política”. (Villaça, 1994, p.VII).

Referências Bibliográficas:

ALVIM, Francisco. “Vale a pena falar de novo? – Conversa sobre alguns poetas de hoje”. Revista Letra, 1984, p. 105-118. Publicado em espanhol como “Infancia Vetusta”. In: *La Página. Zuca Sardan*. [Revista]. Santa Cruz de Tenerife, Espanha, no. 73, ano XX, 2008, p.18-23.

BRITO, Antônio Carlos Ferreira de. [Cacaso]. “Tudo da Minha Terra”. In: _____. *Não Quero Prosa*. Org. Vilma Arêas. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro, RJ: Editora da UFRJ, 1997, p.18-43.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 Poetas Hoje*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1998.

SALDANHA, Carlos Felipe Alves (Zuca Sardan). *Ás de Colete*: Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

_____. [Zuca Saldanha]. “Entrevista. 26 Poetas Ontem/ 21 Poetas Hoje”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Revista Poesia Sempre*, no. 8, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, jun.1997, s/p.

_____. [Zuca Sardan]. “Teatro Morpheo apresenta as estripulias de Zuca Sardan”. Entrevista a Marcelo Pen, s/d, p. 1-3. Acessível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2528,2.shl> Acesso em 25/04/2011.

VILLAÇA, Alcides. “Marcas no Baralho”. In: SALDANHA, Carlos Felipe Alves (Zuca Sardan). *Ás de Colete*: Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.V-VII.